



OLHAR PELO BURACO DA AGULHA: *PINHOLE* NUMA PROPOSTA DE ESTÁGIO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Marcia Aparecida Gobbi

Universidade de São Paulo

Maria Cristina Stelo Leite

Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo tem como proposta apresentar prática pedagógica que se utiliza do processo fotográfico pinhole. Entende-se tal prática como rica oportunidade para o estágio de formação de alunos que cursam a licenciatura em ciências sociais, futuros professores do ensino médio. O pinhole é apresentado como possibilidade de problematização de diferentes aspectos da sociedade, e encontra-se com o desejo de questionar o que está diante de nós. Um dos objetivos é estranhar e desnaturalizar diferentes situações. A sociologia da imagem é aqui apresentada brevemente, pelo pinhole, numa proposta de estágio de formação que considera os modos de ver dos alunos a partir da fotografia. Procura-se assim, enriquecer a experiência de formação e o uso de recursos didáticos.

**LOOKING THROUGH THE EYE OF
NEEDLE: PINHOLE PROPOSAL FOR AN INTERNSHIP
AND TEACHER TRAINING IN SOCIAL SCIENCES**

Abstract

The article aims to introduce the practice of teaching which uses the pinhole photographic process. This is a great opportunity for internship training for undergraduate student in social sciences, and for future high school teachers. The pinhole is presented as a possibility of questioning about different aspects of society, and also the desire of questioning what is in front of us. One of our goals is to surprise and desnaturalize different situations. Pinhole process briefly presents sociology image in a proposed training intership which considers the ways students investigate photography. Additionally, it aims to enrich the educational experience and the use of teaching resou.

Keywords: Sociology, Photography, Education.

Ver vendo

Otto Lara Rezende

De tanto ver, a gente banaliza o olhar - vê... não vendo.

Experimente ver, pela primeira vez,
o que você vê todo dia, sem ver.

Parece fácil, mas não é:
o que nos cerca, o que nos é familiar,
já não desperta curiosidade.

O campo visual da nossa retina é como um vazio.
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.

Se alguém lhe perguntar o que você vê
no caminho, você não sabe.

De tanto ver, você banaliza o olhar.

(...)

O hábito suja os olhos e baixa a voltagem.

Mas há sempre o que ver:
gente, coisas, bichos. E vemos?

Não, não vemos.

Uma criança vê que o adulto não vê.

Tem olhos atentos e limpos
para o espetáculo do mundo.

O poeta é capaz de ver pela primeira vez,
o que de tão visto, ninguém vê.

Há pai que raramente vê o filho.

Marido que nunca viu a própria mulher.

Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos...
é por aí que se instala no coração
o monstro da indiferença.

Ciências Sociais e educação, temática desafiadora. Embora campos teóricos da educação dialoguem há tempos com as Ciências Sociais, em especial com a Sociologia, não temos um exercício tão fácil quando as colocamos em diálogo com as práticas pedagógicas e a formação docente. Desafio ainda maior, quando são propostas reflexões sobre práticas pedagógicas, estabelecendo diálogos entre Sociologia, Educação e Formação de Professores. Práticas de pesquisas de opções sociológicas ou antropológicas têm muito a contribuir com a formação docente, em especial, quando se pensa em alunos de licenciatura em Ciências Sociais. Contribuições estas que, presentes na formação original dos/as alunos/as, podem ser constantemente problematizadas durante a licenciatura e depois quando em exercício da profissão. Por se acreditar que há características particulares voltadas para a formação de cientistas sociais e outras específicas para a formação de professores que atuam na educação básica com as ciências sociais como disciplina escolar, as problematizações, conteúdos e discussões são diferentes, por que, como já se disse, voltados à formação docente. Essa especificidade deve ser considerada, sob pena de termos meras transposições de conteúdos que pouco, ou nada, questionam as finalidades de seu uso. Segundo Meireles e Schweig (2012),

Desse modo, para que haja um debate mais estreito com a área da Educação é necessário que a disciplina de Antropologia repense a si própria. É preciso, portanto, que a disciplina busque respostas no que se refere à aplicação e intervenção de seu saber, desenvolvendo novas formas de operacionalização não voltadas exclusivamente à pesquisa acadêmica. Para isso, é necessário que os antropólogos se apropriem das produções realizadas no âmbito do campo da Educação para construir, em conjunto, novas estratégias de atuação. É no sentido deste movimento que identificamos aqui algumas demandas que abrem novas frentes de reflexão e atuação para a Antropologia, especialmente na Educação Básica. (p.84)

Cá entre nós, importante observação que merece ser ampliada aos estudos sociológicos, não sendo pertinente somente à Antropologia. As construções de estratégias de atuação podem ser pensadas em conjunto com a licenciatura expressando a formação específica do/a futuro/a professor/a do ensino médio.

Busca-se, neste artigo, refletir, ainda que de forma breve, sobre diferentes modos de olhar e pensar, a partir das Ciências Sociais, sobre questões relacionadas à docência. Grande desafio, uma vez que a temática, bastante complexa, guarda em si as mais diversas contribuições teóricas, ao mesmo tempo em que reflete disputas pela constituição de campos teóricos e práticos, pela presença da disciplina sociologia no currículo obrigatório dos/as estudantes da escola básica, em especial no Ensino Médio e também debates sobre a formação docente e o que há de particular em conteúdos e metodologias de ensino de Ciências Sociais.

Neste artigo, serão relacionadas questões referentes ao estágio e formação de professores/as, em especial de futuros docentes da disciplina escolar sociologia, ministrada para alunos/as do ensino médio. Faz-se aqui um pequeno recorte propositivo: a formação docente pensada em cursos de licenciatura em Ciências Sociais, privilegiando apenas a constituição do olhar sociológico a partir do uso de prática fotográfica com *pinhole*. Esse recorte deve-se aos limites pertinentes a escrita de um artigo e ao desejo de apresentar uma forma de atuação docente, sem desconsiderar outras linguagens e conteúdos que podem estar presentes ao longo do processo de formação.

Discutir e criar condições para se pensar sobre os diferentes modos de olhar constitui-se como aliado das importantes discussões sobre estranhamento e desnaturalização, que aparecem como urgentes em nossos processos de formação, mas que se encontram, boa parte das vezes, apartados dos mesmos. Acredita-se que os estágios se oferecem como rica oportunidade para refletir sobre a docência a partir de observações e práticas em exercício no estágio, em oficinas, debates, planejamentos de aulas, consultas à comunidade escolar, discussões com o grupo de alunos e alunas ao longo da licenciatura. Nisto reside a preocupação deste artigo de que as práticas pedagógicas propiciadas nos estágios possam ser elaboradas a partir de debates em aulas, oficinas e aulas ministradas pelos alunos/as como um primeiro exercício da docência. O papel dos professores/as é bastante importante. Ele servirá como orientador durante o processo por atuar em

campos diversos: mediação entre alunos e alunas e futuros professores e professoras, entre esses e os demais envolvidos no processo; formação e prática profissionais, especialmente voltadas à ação pedagógica, sem esquecer-se da importância em elaborar conjuntamente o que poderia ser chamado de “estar junto” entre professores e alunos e alunas, em constante comunicação, numa perspectiva de dupla via e não hierarquização ou vulgarização de saberes. A perspectiva adotada aqui é a de que o estágio tem caráter investigativo que orientará continuamente a ação docente em diferentes espaços de exercício profissional. Para tanto interagir com realidades educativas de salas de aulas, em todos os seus aspectos, é algo vindouro.

Para tanto, destaca-se a fotografia, entre tantos outros, como recurso que promoverá parte de uma formação docente. Não sendo o único, reúne aspectos bastante positivos quando pensamos em alguns conteúdos a serem abordados em Ciências Sociais, tal como, estranhamento e desnaturalização, questão fundante para formação humana e com a qual cientistas sociais, são privilegiados e podem, sem dúvida, contribuir com a formação de jovens alunos/as. A fotografia é compreendida aqui como fonte documental e linguagem que pode ser discutida e tornar-se oportunidade para distintas abordagens nos estágios e posteriormente nas aulas regulares que serão ministradas pelos futuros professores/as, ainda em início de formação. As imagens fotográficas, bem como, saídas fotográficas que consistem em promover outros espaços, que não a escola, mas também ela, são privilegiados para constituição do olhar dos estudantes. Bairros, centro da cidade, lugares poucos vistos dentro da própria escola, se oferecem como excelentes recursos para observação e registro, promovendo fecundas discussões posteriores. Isso pressupõe discussões amplas que antecedem e encontram-se no processo de preparação, até a finalização do trabalho. Textos, debates, fotografias de outras épocas, de família proporcionam problematizar espaços e ambientes. Promovem o pensar e a desnaturalização do o que é sempre visto, num cotidiano arrebatador que impede de olhar com mais acuidade. As chamadas saídas fotográficas se

constituem como importantes recursos na prática docente dos/as professores/as de sociologia, compondo-se como trabalho de campo, em que a investigação sociológica, voltada para a formação de estudantes da educação básica, portanto com todas as suas especificidades, é considerada parte integrante e fundamental.

Quanto ao uso da fotografia, não se trata de reduzi-la a mero recurso didático, instrumento para transposição didática de conteúdos, o que seria trair a história da fotografia como autônoma e propiciadora de diversas formas de ver, de amplos debates, concepções variadas. Vale sublinhar que não se trata somente de veículo de conteúdos escolares, aleatoriamente escolhidos, com pouco significado para todos os implicados. A fotografia, enquanto linguagem, torna-se também objeto de reflexão e prática ao longo das aulas em diferentes situações provocadoras. Trata-se de ressaltá-la em suas características complexas, cuja polissemia merece abordagem específica junto aos alunos/as, sobretudo, quando urge problematizarmos a sociedade imagética em que todos estão inseridos, mas que nem sempre olhamos, tal como bem apontado por Otto Lara Rezende, na epígrafe deste texto.

A fotografia, em seus diferentes processos, pode ser utilizada como importante instrumento metodológico em todos os níveis de ensino, desde que considerada em sua inteireza. Poderá compor um conjunto de práticas pedagógicas junto aos professores e professoras da disciplina Sociologia no ensino médio e, anterior a isso, de alunos e alunas em percurso de formação de professores. A licenciatura em Ciências Sociais e o estágio configuram-se, deste modo, como momento profícuo para construção de conhecimentos em que debates voltados para teoria e práticas de ensino podem ocorrer, tendo como objetivo voltar-se para a escola propriamente dita, como rico espaço formativo em tudo o que a cerca e a constitui.

Vale ressaltar que será enfatizada neste artigo a fotografia *pinhole*, também denominada fotografia artesanal ou buraco na agulha, como proposta para se construir prática de desnaturalização e estranhamento na disciplina de sociologia no ensino médio, em conformidade com as propostas contidas

nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Sociologia (2006), em que esta prática será discutida de modo bastante pertinente à formação de professores/as, coadunando-se aos fios condutores dos estudos sociológicos e antropológicos. Deste ponto de partida se propõe aqui reflexões sobre a formação docente, elegendo formas de olhar a partir das fotografias como princípio norteador. O debate proposto aqui para a formação de professores de sociologia para a educação básica, em especial, Ensino Médio, advém do desejo pelo diálogo e por problematizar práticas de olhar impostas e cultivadas em nossa sociedade, implicando modos de ver e usos sociais das imagens, não somente fotográficas, ainda pouco questionados em nossos conteúdos escolares.

Há plena concordância com pesquisas que propõe a extensão dos estudos sobre o visual para além das obras de arte, provocando-nos a pensar sobre diferentes elementos constituidores da sociedade de modo a questioná-los, estranhando o já naturalizado e, com isso, o que é fundamental em nossa formação, conquistando a capacidade de pensar sob outros pontos de vista.

A câmera *pinhole*, sugerida aqui como componente de oficinas a serem realizadas com alunos, ao captar imagens provoca discussões oportunas aos processos de formação: é possível acreditar como reais aquelas imagens em que a realidade representa-se distorcida, modificada, apagada? Reproduz o real? Ela é avaliada aqui como importante oportunidade para se provocar o pensamento sociológico, ou ainda, na acepção de Wright Mills, para se constituir a imaginação sociológica entre os alunos/as algo de que carecemos. Pode-se compreender o mundo, junto aos alunos e alunas, a partir de vários pontos de vista e problematiza-los, ao mesmo tempo, em que a própria construção deste material serve como motivador de ricas conversas sobre as tecnologias de última geração tão vangloriadas por todos e que compõe a sociedade de modo aterrado.

O pinhole é considerado como proposta fecunda por tratar-se de processo fotográfico artesanal que implica longo percurso até a captação de imagens e revelação. Do ponto de vista prática, é importante destacar que alguns materiais são necessários, sem eles não é possível confeccionar a câmera.

Faz-se necessário, na escola, em primeiro lugar, além da aquisição de materiais básicos para a produção, tais como papel fotográfico e produtos químicos, criar-se uma tenda para execução do processo de revelação das fotografias. Essa tenda, que nada mais é que uma barraca escura portátil, feita com tecido preto e uma abertura para entrada e saída dos alunos enquanto revelam suas imagens, tem a praticidade de ser levada para diferentes espaços proporcionando que todos possam usufruí-la. A única ressalva é que deve ser garantida que a mesma permaneça totalmente escura, sem qualquer passagem de luz. Após a confecção da tenda, aí sim, seguimos com a captação de imagens propriamente dita.

Voltado ao vagar, o *pinhole* exige olhar atentamente, investigar o espaço, conhecê-lo, analisa-lo. A observação, geralmente voltada à luz, fundamental para a fotografia, pode promover a reflexão sobre a relação entre fotógrafo e o entorno social e natural em que se encontra. Com isso, a problematização e crítica sobre os diferentes espaços e o que o mesmo promove encontram-se privilegiados. Estranhamento e desnaturalização em atos de curiosidade e questionamento pelo mundo encontram-se presentes, constituindo importante oportunidade para formação de todos. Apesar de não ter sido tão influente no universo da fotografia, as imagens capturadas com câmeras-*pinhole* fizeram parte de uma história paralela da fotografia, e que muitas vezes é esquecida, seja pela limitação de seu alcance, seja pelas características da fotografia resultante da *pinhole*. Ainda dentro da linha historicista adotada, as fotografias com *pinholes* foram deixadas de lado após o início do século XX. A necessidade de aparelhos fotográficos cada vez mais rápidos e o surgimento de uma cultura imagética de alta velocidade definitivamente selaram qualquer possibilidade que as *pinholes* poderiam ter para resistir ao tempo inseridas num processo comercial. (Goveia, 2005, p.52)

Embora polissêmica e apresentando amplo potencial como recurso didático para aulas de sociologia com jovens em formação como futuros professores/as, deve-se ter clareza de que não pode se constituir como panaceia para os problemas sociológicos, ou ainda pior, para questões re-

lativas à educação e formas facilitadoras da aprendizagem de conteúdos específicos. Vale perguntar qual o sentido do uso de imagens, captadas pelos/as alunos/as ou lidas por eles, para o ensino de uma disciplina. Sabe-se que por vezes, imagens fotográficas, desenhos e pinturas encontram-se como meros apêndices a ilustrar livros didáticos, pouco são observadas por todos que se relacionam com esses materiais didáticos e pouco oferecem como informações sobre conteúdos referidos ao longo dos textos escritos. Textos imagéticos e textos escritos ficam apartados e não provocam a capacidade de compreensão dos/as alunos/as.

Para tanto, há que privilegiar uma formação docente em que a capacidade de investigar e usar imagens seja ampliada. Sugerir que alunos tragam fotografias de suas casas como mote para discutir as representações imagéticas, observar diferentes imagens contidas em revistas e livros, problematizar o uso das fotografias em espaços escolares, mostrar imagens fotográficas de fotógrafos diversos, constituem-se como práticas importantes que visa questionar o que nos é apresentado pelo universo imagético e ao qual estamos expostos cotidianamente. Ainda assim, vale ressaltar o caráter ativo do sujeito que se encontra nessa atual profusão de imagens, chamando a todos a observar e realizar análises críticas do contexto social em que vivem.

Contudo, temos também que a presença das imagens é provocadora de compreensões e indagações sobre as variadas tessituras narrativas que as compõem, e sobre aquelas que promovem modos de ver do outro, ao mesmo tempo, em que sua presença pode evidenciar usos sociais e constituição de grupos sociais, à moda dos estudos de Bourdieu (2002) considerando isso, é que propomos a fotografia pinhole como possibilidade de formação docente. Não como técnica, mas como forma de olhar e compreender realidades em que, se questiona o cotidiano e as relações nele implicadas, ao mesmo tempo em que imaginação, curiosidade estão presentes com forma de compreender e inventar outros mundos.

Licenciatura e estágio: oportunidades para conhecer e construir a docência

Após amplos debates e lutas por sua obrigatoriedade em todos os currículos do ensino médio brasileiro, a disciplina escolar Sociologia voltou a compor o currículo do ensino médio paulista no ano de 2009, depois dos demais Estados brasileiros. Não se trata aqui de recuperar aspectos da história desta disciplina, já amplamente estudados por Machado (1986), Meksenas (1995), Carvalho (2004) e Silva (2006). Ao longo de mais de um século a sociologia figurou e deixou de figurar no currículo escolar de Estados e Municípios brasileiros de modo intermitente. Presença e ausência que, sem dúvida, demanda reflexões sobre a importância de pensarmos em conteúdos específicos, metodologias de ensino, escola e seus diferentes segmentos, docência como profissão e a especificidade da docência e tudo que a envolve quando falamos em Ciências Sociais e as especificidades de uma docência em construção. Ao considerarmos a importância de refletir sobre a formação de futuros docentes nas licenciaturas, em especial, para formar professores/as de sociologia para o Ensino Médio, vale lembrar que as práticas pedagógicas em sala de aula, ao longo do estágio, apresentam-se como fontes enriquecedoras para o conhecimento sociológico, temáticas e reflexões sobre as ações pedagógicas podem surgir melhorando a prática e a elaboração de aulas, bem como, o estar junto aos alunos/as valorizando-os, o que sem dúvida, constitui-se como aspecto fundamental para a docência e para a formação dos/as alunos/as.

O uso da fotografia propicia que se enfrentar o desafio de construir modos de ver e compreender diferentes aspectos sociais com a contribuição das Ciências Sociais, aproximando-as da escola e tudo o que a envolve, isso significa ato contrário à concepção bacharelesca que sempre esteve presente na composição desta área e de estudantes de graduação. Grande questão a ser avaliada e proposta é: como ensinar e problematizar conteúdos sociológicos tendo recursos visuais como auxiliares? Há usos possíveis para as imagens? Quando elas entram nas escolas? Estão presentes? Docentes em

exercício têm se preocupado com os modos de ver de seus (as) alunos/as? Têm criado situações de aprendizagem em que esta questão seja posta?

Refletir sobre o potencial da fotografia em seus diferentes processos, bem como demais recursos visuais, implica pensa-la como recurso didático, ou seja, em sua relação com a educação e a formação docente. Contudo, vale sublinhar, que não servem apenas como veículos para adequação de conteúdos, num processo de transmissão de informações, ou transposição didática de diferentes áreas de conhecimento. Podem ser concebidos como recursos, sem esquecer-se que guardam em si inúmeras possibilidades de compreensão e uso, para além de comportarem-se como transportes de conteúdos escolares. Há que considerar também os contextos diversos em que as práticas pedagógicas ocorrem, ou mesmo, que as escolas possuem culturas que necessitam ser conhecidas e respeitadas. Não há hierarquia entre os conhecimentos. Há que considerar aqueles previamente elaborados na escola em relação àqueles oriundos de meios acadêmicos. É importante considerar a proposta contida nas Orientações Curriculares Nacionais para o ensino de Sociologia, em que desnaturalizar e estranhar aspectos do cotidiano escolar, bem como, do bairro ou cidade, não são meros conteúdos disciplinares, mas sim, formas de cultivar olhares e incentivar o pensamento sociológico.

Pode-se supor que devido à intermitência com que a disciplina tem se apresentado ao longo de sua história no Brasil, e ainda mais, no estado de São Paulo, não tenhamos acumulado tantas experiências e reflexões sobre práticas docentes, estágio e formação de professores/as voltados especificamente para a área de Ciências Sociais, implicando certa fragilidade na composição da área, contudo, ainda que consideremos esse aspecto, sua história e estudos já realizados, contribuem para que problematizemos sobre práticas docentes e currículos propostos e, ainda mais, que reflitamos sobre as reais necessidades dos/as alunos/as em formação.

Vale ressaltar, quanto aos resultados da presença da disciplina escolar sociologia no ensino médio que, segundo Silva (2003), houve uma expressi-

va retomada nas discussões sobre o ensino de Sociologia para o nível médio, implicando certa regularidade na produção acadêmica sobre o tema, o que até então tinha a fragmentação como característica predominante. Ainda assim, entre ânimos e desânimos gerados nos intervalos em que a disciplina Sociologia comporá o currículo escolar é possível e necessário programar pesquisas e reflexões sobre a formação de professores/as objetivando conhecê-la mais profundamente e contribuir com a constituição deste campo teórico e prático.

Na composição da formação do futuro professor e da futura professora, o estágio é concebido, como rica proposta para a formação docente e oportunidade para aliar teoria à prática a partir das discussões que se alinhavam nas aulas, promovendo interação entre escola e diferentes dimensões do cotidiano, tantas vezes, pouco conhecido pelos alunos/as em formação.

Fotografia: estranhar para olhar, olhar para estranhar

Datada do século XIX a fotografia passou por transformações até tornar-se suporte de imagens muito comuns a todos, ao ganhar notoriedade, percebe-se que lhes são destinados distintos usos sociais que variam segundo classe social, gênero e período histórico em que se encontram. Torna-se cada vez mais popular, ao tomar a todos no desejo de registrar as mais diversas cenas do cotidiano, sobretudo com os celulares que possuem câmeras fotográficas, facilitando, que a cada minuto tenhamos nossas ações captadas e registradas por alguém, quando não por nós mesmos, ao colocarmos as câmeras diante de nossos corpos clicando freneticamente em poses que pretendem durar até a posteridade, ou, como se observa, até a próxima clicada diante da aparição de outra cena avaliada como mais interessante.

Diante desse cenário, cabe perguntar: Quais os usos sociais que diferentes processos fotográficos podem proporcionar nos campos educacionais, em especial na formação de professores/as da área de Ciências Sociais no ensino médio? Quais os usos que esta forma de documento e linguagem tem

adquirido dentro das escolas? Como as fotografias e o ato fotográfico podem ser utilizados no currículo como forma de ver o cotidiano de alunos e alunas no ensino médio? Trata-se de perguntas que se conformam a práticas de formação e promovem reflexões sobre formas de usar, olhar e propor ao outro – jovem do ensino médio – que o faça, ao mesmo tempo em que favorecem a investigação em diferentes contextos vividos ou experimentados pelos alunos em formação.

Com intuito de problematizar os usos da fotografia, tirar fotografias em variados processos é importante. Modos de ver vão surgindo e se revelando e implicam o estranhamento em relação ao cotidiano, por vezes, já tão naturalizado por todos nós, independentemente da faixa etária e nível de ensino. Inicialmente, afirmou-se neste artigo a importância de olhar e problematizar as imagens captadas, os modos de ver, quem tirou as fotos, estranho aos olhos de quem captura a imagem, mas, talvez ainda mais aos olhos de quem as olha.

Imagens fotográficas ensejam variadas questões, apresentam diferentes informações, chamam ou não a atenção de quem as observa, elas, fundamentalmente, educam. Provocam. Quando nos referimos às imagens fotográficas percebe-se que há muito a discutir e descobrir a partir delas, considerando que têm participado do cotidiano das pessoas, incorporada à vida de todas as camadas sociais, de maneiras cada vez mais diversificadas, como já mencionado.

Busca-se em aulas e saídas fotográficas como elementos constituidores do estágio, estimular o debate sobre esse instigante artefato cultural, enfatizando as fotografias criadas por meninos e meninas alunos do ensino médio. Temos, com isso, temática ainda bem pouco estudada e mais, recurso didático pouco utilizado e raramente problematizado nos campos educacionais como instrumento de coleta de dados e motivador de estudos, fomentador de currículo e debates sobre modos de olhar de jovens sobre o cotidiano extra e intra escolar, em particular.

Curiosidade presente refere-se aos registros dos alunos em suas fotos. Quais aspectos são apresentados que nos permitem conhecer mais sobre eles e

sobre seu cotidiano? Quais aspectos são conhecidos e reconhecidos entre as representações contidas nas fotos tiradas pelos/as alunos/as? É possível fazer disto conteúdo e variados problemas a serem abordados em aula, ou mesmo, auxiliares na composição curricular em ciências sociais? Como fazer, do que é apontado pelos alunos nas imagens captadas, conteúdos a serem abordados em aulas? Como utilizar processos fotográficos, como o *pinhole*, de forma a “estranhar” a cidade e a escola, que se constituem como espaços por vezes pouco percebidos em sua inteireza, e ainda menos, problematizados como componentes curriculares quando na perspectiva dos/as alunos/as? A fotografia apresenta-se como importante recurso a ampliar o olhar daquele que fotografa, ao mesmo tempo, de quem olha para este artefato cultural. Kossoy (2005) afirmará que ela nos educa. Bourdieu (2002) nos informa sobre a criação de sociogramas utilizando as fotografias, com os quais podemos conhecer aspectos invisibilizados do cotidiano de seus autores, bem como de quem as guarda. Elemento importante quando problematizamos fotografias escolares.

Defende-se que essa potencialidade da fotografia, como linguagem enriquecedora de práticas pedagógicas, seja abordada teoricamente e praticada em oficinas que visam fornecer subsídios para formação de professores e professoras de sociologia no ensino médio. Experimentar e problematizar o ato fotográfico e a fotografia como representação do real e não retrato fiel da mesma constitui-se como oportunidade para se discutir o olhar de adultos/as professores/as, bem como, de alunos/as, ao mesmo tempo em que contribuem com a composição do currículo e dos sentidos dados à escola.

Ainda que brevemente, faz-se necessário comentar sobre o olhar de estranhamento e a imaginação sociológica que, neste artigo, ao se propor a pensar sobre estágio e formação docente, adquire envolvimento com a prática pedagógica, e essa, relacionada à fotografia, tal como proposto nesse artigo.

É por isso, em suma, que por meio da imaginação sociológica os homens esperam, hoje, perceber o que está acontecendo no mundo, e compreender o

que está acontecendo com eles, como minúsculos pontos de cruzamento da biografia e da história dentro da sociedade. Em grande parte, a visão autoconsciente que o homem contemporâneo tem de si, considerando-se pelo menos um forasteiro, quando não um estrangeiro permanente, baseia-se na compreensão da relatividade social e da capacidade transformadora da história. A imaginação sociológica é a forma mais frutífera dessa consciência. Usando-a, homens cujas mentalidades descreviam apenas uma série de órbitas limitadas passam a sentir-se como se subitamente acordassem numa casa que apenas aparentemente conheciam. Certo ou não, com frequência passam a sentir que não podem proporcionar-se sumulas adequadas, análises coesas, orientações gerais. As decisões anteriores que pareciam sólidas, passam a ser, então, como produtos de uma mente inexplicavelmente fechada. Sua capacidade de surpresa volta a existir. Adquirem uma nova forma de pensar, experimentam uma transavaliação de valores: numa palavra, pela sua reflexão e pela sua sensibilidade, compreendem o sentido cultural das Ciências Sociais. (Wright Mills. p.14)

A surpresa e o deslocamento podem advir da prática fotográfica e de problematizar as imagens obtidas. Porém, trata-se de exercício vital este que devemos tomar com frequência nas escolas. Cada linguagem presente na escola, mobiliza a construção de diferentes sentidos para o mundo, bem como, movem formas de pensar e elaborar olhares diversos sobre o mundo, o que é, seguramente diferente com a presença de câmeras fotográficas. A imaginação situa-se a serviço das referências na construção do pensamento sociológico, e ainda mais, na construção do conhecimento a cerca das realidades sociais.

Mas, como e o que olhar? Como construir câmeras *pinhole*? Sair fotografando tudo e todos? Como lidar com os/as alunos/as? Como são concebidas naquilo que tange à autoria dos fotógrafos/alunos? Como já mencionado, o *pinhole* encontra seu espaço neste artigo como forma de refletir e promover o pensamento sociológico entre e com os/as alunos/as. Nada de tão original como proposta, sabemos, contudo, ainda hoje, observa-se muitas vezes, que o uso de imagens e outras linguagens no ensino de

sociologia são pouco convencionais, ou mesmo, passíveis de críticas quanto a sua eficácia. Segundo Martins (2005),

é esse renascimento de ideias e horizontes perdidos, na dominância do factual e do absoluto nas ciências sociais, que nos convida ao diálogo com as inteligências narrativas que há na vida cotidiana através dos mais diversos gêneros criadores de imagens e imaginários: a fotografia, o cinema, a arte, a musicalidade, as performances, as novas tecnologias, etc.

Martins (op.cit) não está preocupado com recursos didáticos para o ensino de sociologia, mas apresenta-nos defesa que se coaduna aos interesses pela busca de formas de compreender e pensar sobre diferentes contextos sociais contribuindo, portanto, para que pensemos que quando ensinamos sociologia para a juventude do ensino médio, preocupar-nos com seus modos de ver, problematizarmos práticas pedagógicas que procurem descristalizar concepções tão presentes em nós, promovermos a atenção para a vida cotidiana através de imagens e outras linguagens, se constitui como rica oportunidade para a formação de alunos e professores em exercício de sua profissão.

Apesar de não ter sido tão influente no universo da fotografia, as imagens capturadas com câmeras-pinhole fizeram parte de uma história paralela da fotografia, e que muitas vezes é esquecida, seja pela limitação de seu alcance, seja pelas características da fotografia resultante da pinhole. Ainda dentro da linha historicista adotada, as fotografias com pinholes foram deixadas de lado após o início do século XX. A necessidade de aparelhos fotográficos cada vez mais rápidos e o surgimento de uma cultura imagética de alta velocidade definitivamente selaram qualquer possibilidade que as pinholes poderiam ter para resistir ao tempo inseridas num processo comercial. (Goveia, 2005, p.52)

Estamos imersos em imagens, estas por vezes, produzidas em profusão, impedindo o olhar. Nesse contexto, por que propor a discussão e formação utilizando o pinhole? Trata-se, segundo Goveia (op.cit), de excelente oportunidade de orientarmos nossas reflexões em direção contrária aos clichês e, com isso, discutirmos para além do próprio processo fotográfico, a partir dos procedimentos de captação e revelação das imagens e delas propriamente dito.

Refletir sobre as fotografias pinhole como narrações visuais, observar aspectos de sua história é importante, uma vez que, quando pensamos em afirma-la junto ao processo de formação de professores/as a transformação dos processos fotográficos implicando cultivos de forma de ver, não compa-

rando ontem e hoje, mas problematizando a necessidade imediata de se obter imagens em contraposição aquilo que o pinhole pode oferecer. O *pinhole* se oferece como oportunidade, não somente para reconstruir imagens, mas para que através delas se construa o saber das ciências sociais, são narrações visuais que possibilitam outras formas de narrar o outro. Importante compreender tempo e espaço das coisas fotografadas e sobre a relação estabelecida com o fotógrafo. O pinhole permite maior diálogo entre fotógrafo e objeto, favorece a investigação de contextos sociais e culturais ao qual buscamos conhecer, explorar, compreender. O já naturalizado pode ser estranhado, em diferentes possibilidades estéticas de ver e, posteriormente, problematizar o que foi perscrutado. É sair do automático, literalmente. Segundo Goveia (2005), a pinhole está em oposição à indústria cultural. Com ela, busca-se fugir de intenso processo de pasteurização da imagem que tem assolado nossas vidas há tempos.

Pode se aliar a concepções sobre a pertinência do uso do pinhole o alerta dado por Flusser (2008) sobre a imprevisibilidade do aparelho fotográfico. A câmera que, a revelia do fotógrafo, imprime características próprias à fotografia. Quanto ao pinhole, a técnica a coloca no campo do imprevisto, e, com isso, promove discussões com outros processos fotográficos, em especial o digital, em que a rapidez e a capacidade máxima de alterar a imagem, compor e melhorar a qualidade do que foi captado, encontra-se absorvido por seus usuários irrefletidamente. Nesse caso, o diálogo estabelecido entre câmera, objeto e fotógrafo, é por vezes, apartado pela tecnologia que muito avançada, pode destituir do homem parte de sua capacidade criativa. Ela se interpõe. O pinhole, por sua vez, implica diálogo e constantes surpresas ao final do processo. Seguramente, não se faz aqui defesas de um processo em detrimento de outro, procura-se apenas apresentar potencialidades educativas.

Os processos de formação preocupados com estes estudos implicam contribuir com experiências que promovam questionar representações aceitas como únicas possíveis, estranhar o cotidiano, aquilo que se percebe como imutável e definitivo. É compreender o que é científico a partir de

perspectivas que procurem conjugar diferentes modos de ver, recursos usados e formação de professores/as.

Para começar a pensar, tentando concluir.

Esse artigo tem como proposta contribuir para a construção de debates sobre formação docente em ciências sociais, enfatizando o estágio e atividades desenvolvidas como veículo importante neste percurso. Rico em possibilidades de conjugar teoria e prática pedagógica não pode deixar de ser questionado e de refletirmos sobre qual seu caráter e finalidade específica na formação de futuros docentes. O estágio é compreendido como complexo processo de orientação educativa mediada pelo/a professor/a. Ainda assim, procuramos apresentar somente uma possibilidade de prática formativa: o trabalho com *pinhole*, que temos estudado e praticado junto a alunos/as e pessoas de diferentes idades, que, em pesquisas já desenvolvidas, tem se mostrado bastante fecundo. Observar, investigar e refletir, desenvolver novas percepções sobre o processo de ensinar e aprender – em constante interação – tendo o próprio ensino como forma de investigação em propostas de práticas enriquecedoras, com usos de recursos igualmente ricos é nossa proposta aglutinada à oportunidade de fotografar e discutir sobre imagens fotográficas. O *pinhole* consiste em uma destas ricas possibilidades: distorção de imagens, representação, cópia do real, estranhar e questionar o que olhamos no mundo e como compreendemos o que nos é apresentado e o que captamos em nossas câmeras, em nossas latas ou caixas, quando o assunto é o *pinhole*, apresenta-se como prática constante. As realidades presentes nas imagens merecem ser problematizadas, sobretudo quando nos alimentamos delas, nos educamos com elas e pouco paramos para pensar sobre ou mesmo praticá-la. Temos um convite. Mãos à obra.

Referencias Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Un arte médio:** ensayo sobre los usos sociales de la fotografia. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org). **Sociologia e ensino em debate:** experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Ijuí. Editora UNIJUI. 2004.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas:** elogio da superficialidade. São Paulo. Annablume. 2008.

GOVEIA, Fábio. **A decomposição imagética nas fotografias com pinholes:** a imagem pelo buraco de uma agulha. Dissertação de mestrado. UFRJ. 2005.

Kossoy, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In. **O fotográfico.** Samain, Etienne (org.). São Paulo. Editora Hucitec e Editora SENAC. 2005.

LENNERT, Ana Lucia. **Professores de sociologia:** relações e condições de trabalho. Dissertação de mestrado. FEUNICAMP. 2009.

MACHADO, Celso de Souza. O ensino da sociologia na escola secundaria brasileira: levantamento preliminar. **Revista da Faculdade de Educação.** São Paulo, v.13, nº 1, p.115-142, 1987.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor . **Da periferia ao centro:** trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. v. 1. 345 p.

MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia, NOVAES, Sylvia Caiuby. **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais.** Editora EDUSC. Santa Catarina. 2008

MEKSENAS, P. O Ensino de Sociologia nas Escolas Secundárias. **Revista Leituras e Imagens.** GP Sociologia da Educação. Florianópolis: UDESC, 1995. 174

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da sociologia no Brasil:** os primeiros manuais e cursos. Dissertação de mestrado. IFCH. UNICAMP, 2000.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

Olh@res, Guarulhos, v. 1, n1, p. 263-283, maio 2013.

MORAES, Amaury César de. **Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia**: entre o balanço e o relato. Tempo social. São Paulo, v.15, nº 1, p.5-20, maio de 2003.

_____. O veto: o sentido de um gesto. In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org).

_____. Orientações Curriculares nacionais para o ensino de sociologia. MEC. 2010.

RESENDE, Otto Lara. Texto publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, edição de 23 de fevereiro de 1992

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **Das fronteiras entre ciência e educação escolar**: as configurações do ensino das ciências sociais no Estado do Paraná (1970-2002). Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. FFLCH, 2006.

TAKAGI, Cassiana Tiemi Tedesco. **Ensinar sociologia**: análise de recursos do ensino na escola media. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.